O atual na eficácia do ato analítico

Cecilia E. Barahona

cecilia.barahona@outlook.com

Paris, 2025

Selena tem 15 anos, mora com sua mãe, María Selva, seu irmão gêmeo e outro irmão dois anos mais velho. O pai faleceu quando eram pequenos, e há cerca de oito anos sua mãe está em união com Vicente.

Até pouco tempo atrás, Selena dizia se dar bem com ele. No entanto, recentemente tiveram uma discussão. O motivo foi um carregador de celular que ela pegou sem permissão, assegurando que era seu, embora estivesse entre os pertences de Vicente. Ele a repreendeu por ter tomado algo alheio sem autorização.

A discussão foi se acirrando e, num impulso, Selena saiu para a varanda e disse à mãe que iria se jogar. A mãe, sem disfarçar sua raiva, respondeu para que parasse de incomodar, a fez entrar e pediu que enviasse uma mensagem à sua analista para tratar do assunto. Ela o faz imediatamente, a analista responde brevemente, mas a convida a conversar sobre o tema na sessão. Dias depois, a mãe solicita uma entrevista para ela.

María Selva chega à entrevista ainda irritada com a filha, relatando que esta costuma responder mal, não colabora com as tarefas domésticas e trata mal a todos. Diz que nunca antes havia discutido com seu companheiro e que esse episódio a desconcertou: sente que não reconhece sua filha, que não sabe mais como lidar com ela, que não a suporta mais e que tudo é mais fácil com seus filhos homens, que são carinhosos e obedientes.

Quando Selena chega à sessão, conta o ocorrido, mas oferecendo outra versão: assegura que lhe tiram suas coisas. Afirma também que não tem medo da mãe e acredita fazer o que quer; mas que, no fundo, naquele dia, ao sair à varanda, desejava ser abraçada e se sentir amada. No entanto, em vez desse abraço, recebeu distância, uma ordem para ir dormir e a indicação de falar com sua analista. Isso a encheu ainda mais de raiva. Até aqui, a vinheta.

Vivemos uma época de profundas transformações nas formas de habitar, pensar e construir os laços sociais, o que nos leva a reconsiderar tanto nossa clínica quanto a função do analista.

Pensar a clínica atual implica também introduzir a pergunta pelo desejo do analista. Para isso, considero pertinente retomar alguns trechos do Seminário 8: A Transferência, onde Lacan relê a trilogia de Claudel como uma forma de encenar o que ele chama de “a tragédia contemporânea do desejo”. Essas obras, em sua leitura, permitem antecipar como se estrutura o desejo humano e como as variações do complexo de castração se inscrevem na subjetividade moderna. A partir daí, abre-se um caminho propício para pensar a transferência e o lugar do analista, à luz da declinação da função paterna.

Por exemplo, em “A humilhação do pai” na obra citada, Lacan aponta – e aqui está a paradoxa que lhe interessa – que, graças à sua castração, o pai segue sendo necessário como portador da Lei, como aquele que faz cumprir o que foi estabelecido.

Não é necessário, então, ser o pai onipotente que Freud atribuía ao pai edípico vitoriano, mas sim aquele que sustenta a palavra dada.

Retomando nossa vinheta, o desafio de Selena pode ser lido como a demanda dirigida a um Outro. Não se trata de um capricho, mas da entrada em cena de um desejo. No entanto, como vemos neste caso, nem sempre isso é lido como tal, surgindo, no seu lugar, algo do castigo.

Em certos casos, observamos como a autoridade do pai se evapora numa cultura que promove a busca constante de um gozo sem limites. Uma cultura que empurra o sujeito a querer sempre um pouco mais de satisfação, numa corrida incessante que, paradoxalmente, o deixa mergulhado num constante mal-estar. Na prática clínica com adolescentes, isso se torna particularmente visível: surgem sintomas que evidenciam um transbordamento do gozo — cortes no corpo, ameaças e ideias suicidas, inibições (hoje nomeadas como INCEL), compulsão ao jogo, hiperconexão às redes sociais, consumo de substâncias que atuam como suplemento para suportar a angústia no encontro com o outro, etc.

Na sessão com Selena, a analista lhe aponta que está bem não temer responder à mãe nem tentar realizar seus próprios desejos, mas adverte que isso implica consequências: nem tudo o que se deseja pode se realizar, e é preciso suportar a diferença entre o desejo e seu possível cumprimento. Uma dessas consequências pode ser a reação da mãe. Trata-se, então, de pensar o que ela faz com aquilo que sua mãe disse, e qual é sua responsabilidade frente às consequências de suas palavras e atos. Embora buscasse um gesto de amor, pode ser difícil que esse gesto seja reconhecido quando pedido dessa maneira. Frente a essa intervenção, Selena

responde que não havia pensado assim, mas que não quer continuar falando e muda de assunto.

A partir disso, podemos afirmar que o ato analítico não mudou em sua estrutura fundamental: o analisante busca o alívio do seu mal-estar através da análise. Hoje, frequentemente nos deparamos com analisantes (ou pais, escolas, médicos, etc.) que irrompem com uma exigência imperiosa de resposta. Uma demanda tirânica que não tolera demora nem vazio.

Assim, o analista não permanece apenas na posição de Sujeito Suposto ao Saber, podendo também ser capturado como aquele que sutura a falta: é procurado para fornecer algo, uma resposta, uma solução.

Neste deslocamento, volta a se colocar a pergunta pelo desejo do analista e pelo seu ato, que só podem ser pensados a partir desse desejo, mas também como, a partir daí, se intervém para possibilitar uma hiância no meio da lógica da imediatividade que tende a prevalecer no discurso contemporâneo.

Lacan nos adverte: “faça o que fizer o analista, o paciente goza”. Cada gesto — seja um silêncio, um suspiro, um olhar ao relógio — será interpretado e deixará um resto de gozo.

Então, como pensar hoje a posição do analista, quando o gozo que inevitavelmente o atravessa na transferência já não se apresenta velado, mas frequentemente irrompe sob uma lógica de impunidade, tentando despojar o ato analítico de sua dimensão ética?

Para alcançar algo novo, o analista em seu ato aposta, não antecipa, não oferece garantias. Também ele é inovador, sustentando a ética de seu desejo de analista. Trata-se, portanto, de o analista ir mudando de posição segundo os diferentes tempos lógicos do percurso de uma análise, favorecendo giros discursivos. Isso nos permite não sacralizar seu lugar.

O lugar do analista é exatamente o inverso de propor-se como objeto de identificação. Continua ocupando o lugar de semblante do objeto a, oferecendo-se como esse vazio no campo do Outro que põe em movimento o desejo do sujeito, sustentando um enigma.

Mas, ao mesmo tempo, é fundamental evitar alimentar o gozo mortífero do sintoma, não confundindo responsabilidade com castigo, como se viu na vinheta, buscando não deixar o analisante no lugar daquele que simplesmente recebe um mandato

que o culpabiliza. Nesse sentido, o analista sabe aguardar, sustenta a palavra, valorizando aquilo que hoje aparece desvalorizado.

Trata-se, antes, de sancionar em ato algo que abra a possibilidade de uma pergunta, na qual o sujeito possa responsabilizar-se por seu gozo, abrindo espaço para uma outra versão dele, não sintomática.

Referências bibliográficas

Feinsilber, E. (2010). Desde a transferência: Uma introdução à práxis psicanalítica. Letra Viva.

Freud, S. (1916–1917). Conferências introdutórias à psicanálise (27ª conferência: A transferência). In Obras completas (Tomo XVI, pp. 397–416). Amorrortu Editores.

Freud, S. (1939). Moisés e a religião monoteísta. In Obras completas (Tomo XXIII). Amorrortu Editores. Inclui: Análise terminável e interminável (p. 211) e Construções em análise (p. 260).

Harari, R. (1990). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise de Lacan: Uma introdução (Caps. V e VI). Paidós.

Harari, R. (1996). Como se chama James Joyce? A partir de O sinthoma, de Lacan. Paidós.

Lacan, J. (1958). A direção da cura e os princípios de seu poder. In Escritos I (p. 575). Siglo XXI Editores.

Lacan, J. (1961). Seminário 8: A transferência. Paidós.

Lacan, J. (1964). Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Paidós.

Lacan, J. (1971–1972). O saber do psicanalista: Palestras em Sainte-Anne.

Voronovsky, D. (2016, novembro). A perversão hoje: O laço social, eficácia da era digital. Apresentação no *Après Coup*, Jornadas “Perversion Today”, Nova York. Disponível em: <https://www.apres-coup.org/>